

CAPÍTULO I

O QUE É O MISTICISMO?

Aqueles que se interessam por aquela atitude especial perante o universo que hoje se denomina vagamente "mística" encontram-se assediados por uma multidão de pessoas que incessantemente perguntam — algumas com verdadeiro fervor, outras por curiosidade e outras ainda com desdém — "O que é o misticismo?" Quando remetidos aos escritos dos próprios místicos e a outras obras em que essa questão parece ser respondida, tais pessoas replicam que tais livros lhes são totalmente incompreensíveis.

Por outro lado, o verdadeiro investigador não tardará a encontrar uma série de apóstolos autoproclamados, ansiosos por responder à sua pergunta das maneiras mais estranhas e contraditórias, calculadas mais para aumentar do que para dissipar a obscuridade de sua mente. Aprenderá que o misticismo é uma filosofia, uma ilusão, uma espécie de religião, uma doença; que significa ter visões, realizar truques de magia, levar uma vida ociosa, sonhadora e egoísta, negligenciar os próprios negócios, afundar-se em emoções espirituais vagas e estar "em sintonia com o infinito". Descobrirá que ele o emancipa de todos os dogmas — às vezes de toda moralidade — e, ao mesmo tempo, que é algo muito supersticioso. Um especialista lhe dirá que é simplesmente "piedade católica", outro que Walt Whitman era um místico típico;

um terceiro assegura-lhe que todo misticismo vem do Oriente e apoia sua afirmação com uma referência ao truque da manga. Ao final de um prolongado curso de palestras, sermões, chás e conversas com pessoas fervorosas, ainda se ouve o investigador perguntar — demasiadas vezes com tom de exasperação — "O que é o misticismo?"

Não ousou pretender resolver um problema que já proporcionou tantas boas caçadas no passado. De fato, o objetivo deste pequeno ensaio é persuadir o homem prático a adotar o único caminho satisfatório: o de descobrir a resposta por si mesmo. Todavia, talvez inspire confiança se eu confessar que parece abranger todo o terreno; ou pelo menos, toda aquela parte do terreno que vale a pena cobrir. Dificilmente se estenderá ao truque da manga, mas encontra espaço imediato tanto para os visionários quanto para os filósofos, para Walt Whitman e para os santos.

Eis a definição:

O misticismo é a arte da união com a Realidade. O místico é a pessoa que alcançou essa união em maior ou menor grau; ou que almeja e crê em tal realização.

Não se espera que o inquiridor encontre grande consolo nesta frase quando primeiro lhe cair aos olhos. A questão última, "O que é a Realidade?" — uma pergunta, talvez, que nunca lhe tivesse

ocorrido antes — já se forma em sua mente; e ele sabe que isso lhe causará infinita angústia. Apenas um místico pode respondê-la: e ele o faz em termos que apenas outros místicos compreenderão. Portanto, por ora, o homem prático pode deixá-la de lado. Tudo o que se lhe pede agora é que considere isto: que a palavra "união" representa não tanto uma operação rara e inimaginável, mas algo que ele está fazendo, de modo vago e imperfeito, a cada momento de sua vida consciente; e fazendo com intensidade e plenitude em todos os momentos mais válidos dessa vida. Conhecemos uma coisa apenas ao nos unirmos a ela; ao assimilá-la; por uma interpenetração entre ela e nós mesmos. Ela se entrega a nós, na exata medida em que nos entregamos a ela; e é porque nosso fluxo em direção às coisas costuma ser tão superficial e tão lânguido, que nossa compreensão delas também é tão superficial e lânguida. O grande sufista que disse que "Peregrinar ao lugar dos sábios é escapar da chama da separação" proferiu a verdade literal. A sabedoria é o fruto da comunhão; a ignorância, a porção inevitável daqueles que "se mantêm em si mesmos" e se apartam, julgando, analisando as coisas que nunca verdadeiramente conheceram.

Porque se entregou a ela, "uniu-se" a ela, o patriota conhece seu país, o artista conhece o tema de sua arte, o amante conhece sua amada, o santo conhece seu Deus, de uma maneira inconcebível e inatingível para o mero observador. O conhecimento real, uma vez que sempre implica uma simpatia intuitiva mais ou menos intensa, é sugerido com muito mais precisão pelos símbolos do tato e do

paladar do que pelos da audição e da visão. É verdade que o pensamento analítico segue rapidamente o contato, a apreensão, a união: e nós, em nossa confusão mental, nos convencemos de que esta é a parte essencial do conhecimento — que é, de fato, mais importante cozinhar a lebre do que capturá-la. Mas quando nos livramos dessa ilusão e retornamos às atividades mais primitivas pelas quais nossa cozinha mental obtém seus suprimentos, vemos que a distinção entre o místico e o não-místico não é meramente aquela entre o racionalista e o sonhador, entre o intelecto e a intuição. A questão que os divide é realmente esta: O que, dentre a massa de material oferecido, a consciência deve agarrar — com quais aspectos do universo deve "unir-se"?

É notório que as operações da consciência humana comum unem o eu, não às coisas como realmente são, mas a imagens, noções, aspectos das coisas. O verbo "ser", que ele usa tão levianamente, não se aplica verdadeiramente a nenhum dos objetos entre os quais o homem prático supõe habitar. Para ele, a lebre da Realidade está sempre pronta e guisada: ele não concebe a criatura viva, adorável, selvagem e veloz que foi sacrificada para que ele possa se alimentar do prato deplorável que chama de "coisas como elas realmente são". Tão completa, de fato, é a separação de sua consciência dos fatos do ser, que ele não sente nenhuma sensação de perda. Ele está feliz o suficiente "compreendendo", adornando, assimilando a carcaça da qual o princípio de vida e crescimento foi

ejetado, e da qual apenas as porções mais digeríveis foram retidas. Ele não é "místico".

Mas às vezes lhe é sugerido que seu conhecimento não é tão completo quanto supunha. Os filósofos em particular têm o hábito de apontar seu caráter grosseiro e superficial; de demonstrar o fato de que ele habitualmente confunde suas próprias sensações privadas com qualidades inerentes aos misteriosos objetos do mundo externo. A partir daquelas poucas qualidades — cor, tamanho, textura e outras — que sua mente foi capaz de registrar e classificar, ele elabora um rótulo que resume a soma de suas próprias experiências. Isso ele conhece, com isso ele "se une"; pois é sua própria criação. É preciso, plano, imutável, com bordas bem definidas: algo em que se pode confiar. Ele esquece a existência de outras criaturas conscientes, dotadas de seus próprios padrões de realidade. No entanto, o mar como o peixe o sente, a borragem como a abelha a vê, os sons intrincados da sebe como ouvidos pelo coelho, o impacto da luz no rosto ansioso da prímula, a paisagem conhecida em sua vastidão pelo tatuzinho e pela formiga — todas essas experiências, para sempre negadas a ele, têm tanto direito ao atributo do Ser quanto suas próprias interpretações parciais e subjetivas das coisas.

Porque o mistério nos é horrível, concordamos em sua maior parte em viver num mundo de rótulos; fazer deles a moeda corrente da experiência e ignorar seu caráter meramente simbólico, a gradação

infinita de valores que eles deturpam. Simplesmente não tentamos nos unir à Realidade. Mas de vez em quando esse caráter simbólico subitamente se impõe a nós. Alguma grande emoção, alguma visitação devastadora de beleza, amor ou dor, nos eleva a outro nível de consciência, e por um momento nos damos conta da diferença entre a coleção ordenada de objetos e experiências discretas que chamamos de mundo, e a altura, a profundidade, a extensão desse Fato vivo, crescente e mutável, do qual pensamento, vida e energia são partes, e no qual "vivemos, nos movemos e existimos". Então percebemos que toda nossa vida está enredada em forças grandes e vivas; terríveis porque desconhecidas. Até o poder que se esconde em cada caixote de carvão, brilha na lâmpada elétrica, arqueja no ônibus motorizado, se declara nas inefáveis maravilhas da reprodução e do crescimento — é suprassensível. Apenas percebemos seus resultados. O plano mais sagrado da vida e da energia que parece se manifestar nas forças que chamamos de "espirituais" e "emocionais" — no amor, na angústia, no êxtase, na adoração — também nos está oculto. Sintomas, aparências, são tudo o que nosso intelecto pode discernir: súbitas e irresistíveis incursões dele, tudo o que nosso coração pode apreender. O material para uma vida mais intensa, uma consciência mais ampla e aguda, uma compreensão mais profunda de nossa própria existência, jaz a nossos portões. Mas estamos separados dele, não podemos assimilá-lo; exceto em momentos anormais, mal sabemos que ele existe. Agora começamos a atribuir pelo menos um significado

fragmentário à afirmação de que "o misticismo é a arte da união com a Realidade". Vemos que a pretensão de um poeta como Whitman de ser místico reside no fato de que ele alcançou uma comunhão apaixonada com níveis mais profundos da vida do que aqueles com os quais normalmente lidamos — ultrapassou a noção corrente para atingir o Fato: que a pretensão de uma santa como Teresa está ligada à sua declaração de ter alcançado a união com a própria Essência Divina. O visionário é um místico quando sua visão lhe transmite uma realidade além do alcance dos sentidos. O filósofo é um místico quando vai além do pensamento para a pura apreensão da verdade. O homem ativo é um místico quando sabe que suas ações são parte de uma atividade maior. Blake, Plotino, Joana d'Arc e João da Cruz — há um elo que liga todos eles; mas, se quiser utilizá-lo, o investigador deve encontrar esse elo por si mesmo. Todos os quatro exibem formas diferentes do funcionamento da consciência contemplativa; uma faculdade que é própria de todos os homens, embora poucos se deem ao trabalho de desenvolvê-la. A atenção deles à vida mudou de caráter, aguçou seu foco e, como resultado, eles veem, alguns, uma paisagem mais ampla, alguns, um mundo mais brilhante, mais significativo, mais detalhado do que aquele que é aparente para a visão menos educada, menos observadora do senso comum. A velha história de Olhos e Sem-Olhos é na verdade a história dos tipos místico e não-místico. "Sem-Olhos" fixou sua atenção no fato de que é obrigado a dar um passeio. Para ele, o fator principal da existência é seu próprio movimento pela estrada; um movimento que ele pretende

realizar da maneira mais eficiente e confortável possível. Ele não pergunta o que pode haver de um lado ou do outro das cercas. Ignora a carícia do vento até que ele ameça levar seu chapéu. Ele caminha com passo firme, diligente; evitando as poças lamacentas, mas alheio à luz que elas refletem. "Olhos" também faz o passeio, e para ele é uma revelação perpétua de beleza e maravilha. A luz do sol o embriaga, os ventos o deleitam, o próprio esforço da jornada é uma alegria. Presenças mágicas povoam à beira da estrada, ou lhe saúdam dos campos ocultos. O mundo rico pelo qual ele se move está no primeiro plano de sua consciência, e lhe entrega novos segredos a cada passo. "Sem-Olhos", quando informado de suas aventuras, geralmente se recusa a acreditar que ambos tenham percorrido a mesma estrada. Imagina que seu companheiro esteve flutuando pelo ar, ou assediado por alucinações agradáveis. Nunca o persuadiremos do contrário a menos que o persuadamos a olhar por si mesmo.

Portanto, é a um misticismo prático que o homem prático aqui é convidado: a um treinamento de suas faculdades latentes, um revigoramento e iluminação de sua consciência lânguida, uma emancipação dos grilhões da aparência, um direcionamento de sua atenção a novos níveis do mundo. Assim, ele pode tornar-se ciente do universo que o artista espiritual sempre busca revelar à humanidade. Essa medida de percepção mística — essa "contemplação ordinária", como a chamam os especialistas — é possível a todos os homens: sem ela, não estão plenamente

conscientes, nem plenamente vivos. É uma atividade humana natural, que não envolve mais os grandes poderes e experiências sublimes dos santos e filósofos místicos do que o simples deleite musical envolve os poderes criativos especiais do grande músico.

Assim como o belo não existe apenas para o artista e o poeta — embora estes possam encontrar nele profundidades de significado mais pungentes do que outros homens — também o mundo da Realidade existe para todos; e todos podem participar dele, unir-se a ele, conforme sua medida e conforme a força e pureza de seu desejo. "Pois o céu espiritual", diz A Nuvem do Não-Saber, "está tão perto abaixo como acima, e acima como abaixo; atrás como adiante, adiante como atrás, de um lado como do outro. De tal modo que quem tivesse um verdadeiro desejo de estar no céu, nesse mesmo momento estaria no céu espiritualmente. Porque o caminho alto e próximo para lá é percorrido por desejos, e não por passos dos pés." Ninguém, portanto, está condenado senão por sua própria soberba, preguiça ou perversidade, aos horrores daquilo que Blake chamou de "visão única" — atenção perpétua e indivisa ao contínuo espetáculo cinematográfico que a mente conspirou com os sentidos para interpor entre nós e o mundo vivo.